

Mapeamento do cicloturismo e outros serviços no Caminho da Fé

Gabriela Coneglian de Castro¹

Fábio Luciano Violin²

RESUMO: A pesquisa analisou o cicloturismo religioso no Caminho da Fé, com foco no trecho entre Águas da Prata (SP) e Aparecida (SP), investigando as experiências dos ciclistas, suas motivações e os principais desafios enfrentados ao longo da rota. Para isso, foram aplicados questionários com peregrinos e prestadores de serviço, além da observação de registros fotográficos dos pontos mais críticos. O resultado dos dados revela uma soma de fatores explicativos na qual se encaixa dentro do cenário da rota e do questionário proposto, sendo analisado, qual tipo de indivíduo frequenta a rota, a estrutura, hospedagem, consumo, carros de apoio e trechos com dificuldades específicas apontadas, como o caso da Serra da Luminosa e do Morro do Sabão. Conclui-se que, embora o trajeto já esteja consolidado como destino turístico, ainda há necessidade de intervenções pontuais para garantir segurança, acessibilidade e valorização da experiência dos peregrinos.

Palavras-chave: cicloturismo, Caminho da Fé, turismo religioso, infraestrutura turística, experiência do peregrino.

Introdução

O turismo religioso de modo organizado tem se apresentado como uma das formas importantes de deslocamento de pessoas, primeiro como forma de peregrinação pura e mais recentemente – considerando o turismo organizado – como um dos ramos em ascensão dentro da atividade turística ligando a fé, a cultura de um ou mais povos e as formas de mobilidade.

A peregrinação em si, inicialmente era motivada pela devoção e também espiritualidade e mais tarde evoluiu integrando dimensões culturais, sociais e também econômicas, passando a atuar como importante vetor de valorização tanto do território quanto do desenvolvimento de localidades. Nesse cenário, o turismo de natureza religiosa vai além da expressão de fé, e passa a ser visto como um fenômeno turístico estruturado que passa pela influência de procura por destinos e a busca por experiências legítimas e intimistas.

Considerando a evolução dos meios de deslocamento e as mais diversas motivações dos viajantes, meios específicos como o cicloturismo ganharam espaço, particularmente em localidade que aliam espiritualidade, patrimônio cultural e histórico ao potencial paisagístico. É nesse cenário que se insere o Caminho da Fé, rota inspirada no tradicional Caminho de

Santiago de Compostela, e que articula a devoção à Nossa Senhora Aparecida com o desafio físico e simbólico de percursos feitos, em grande parte, sobre duas rodas.

O presente trabalho teve, desse modo, como objetivo analisar o cicloturismo religioso a partir da experiência do Caminho da Fé, buscando compreender sua relação com a tradição das peregrinações, suas motivações — que transitam entre o sagrado, o físico e o cultural — e suas contribuições para o fortalecimento do turismo religioso no Brasil, analisando a estrutura de apoio no trajeto.

Utilizou-se instrumentos metodológicos combinados para aferir a percepção dos peregrinos e sua forma de percepção da estrutura que apoiam seu planejamento e execução de viagem.

Turismo Religioso

As atividades voltadas ao turismo de natureza religiosa têm seu início a partir do desenvolvimento e da proliferação das diferentes formas de expressões de fé ao redor do mundo. Nesse período, os deslocamentos humanos emergem com a função de visitação aos locais sagrados, nos quais se envolve o exercício da fé como propósito principal (Choe, 2024).

A organização turística para esse fim emerge a partir de 1841, por meio de Thomas Cook, o qual organizou a primeira viagem com a presença de um agente de viagens, transportando 570 passageiros de trem de Leicester para Loughborough. Nessa viagem, Thomas ofereceu pacotes de serviços que incluíam a viagem, transformando-a em um empreendimento com caráter organizacional, atendendo, assim, às demandas dos passageiros (Reis, 2016).

Uma das vertentes da atividade turística organizada recai sobre as práticas de deslocamento com finalidade religiosa e figura como uma das formas que contribuem para o fortalecimento dos espaços diante dos olhos e sentimentos do visitante (Toigo et al., 2021), sendo influenciada tanto pelo ambiente quanto pela experiência do turista.

Tais deslocamentos envolviam — e ainda envolvem — elementos vinculados ao trade turístico, tais como deslocamento, alimentação, hospedagem e um amplo conjunto de produtos e serviços que atendem ao turista, não sendo diferente na vertente religiosa.

Ademais, é de suma importância contextualizar os tipos de turistas religiosos. Segundo Choe (2024), eles podem ser definidos em dois tipos: o primeiro é o turista que se move a partir de sua fé ou crenças, alinhando-se ao destino; e o segundo é aquele no qual a fé e as crenças

espirituais não se alinham com o destino, sendo seu deslocamento motivado pela novidade e pela apreciação dos patrimônios, edifícios e objetos religiosos.

Além disso, Sartori (2021) diferencia o turista religioso do peregrino, sendo o peregrino aquele que tem a motivação da fé, buscando o conhecimento de si mesmo e a aproximação com o sagrado. Nesse caso, o trajeto é de extrema importância, por envolver sacrifícios, esforço e orações, com a finalidade de concluir o percurso voltado ao espiritual. Por seu turno, o turista religioso pode também possuir motivação religiosa em relação a um destino, mas essa não é necessariamente sua motivação principal, sendo a viagem dedicada a outros atrativos — podendo inclusive visitar locais sagrados de outras religiões que não são as suas.

Através da análise dos conceitos de turismo religioso, é notável a religiosidade como formadora da história e cultura das sociedades humanas de forma atemporal (Sartori, 2022). Nesse sentido, o turismo religioso se enquadra como forma de expressão cultural e da realidade histórica de uma época, não se limitando somente à fé, mas também ao conhecimento e aprofundamento sobre a história de uma cultura.

Ao se analisar mais a fundo o turismo religioso, faz-se necessário considerar as peregrinações, as quais, de acordo com Sartori (2022), requerem a coexistência da peregrinação e do turismo religioso para fins de governança dos destinos, planejamento e estratégias, possibilitando a visitação e o respeito às culturas e à manifestação da fé nesses locais.

D'Antonio (2022) infere que o turismo religioso tem vínculo originário com a prática da peregrinação, a qual teve início, segundo Enoque e Almeida (2021), no contexto do cristianismo, quando se iniciou o culto aos santos. Isso resultou no crescimento das construções de novos locais de peregrinação, além do forte vínculo entre a peregrinação e a penitência, apresentada pela Igreja Católica, tendo como resultado a peregrinação como uma forma de salvação dos pecados cometidos pelos romeiros.

Alves (2025) complementa ao abordar as razões que levaram os peregrinos a realizarem suas jornadas de fé. Dentre os motivos estão a devoção no âmbito religioso, o autoconhecimento do indivíduo e o aprofundamento sobre a cultura local, sendo uma atividade que mescla cultura e lazer.

Ademais, D'Antonio (2022) destaca a relação do peregrino com o sacrifício e a fé, a qual ocorre majoritariamente em locais vinculados ao divino. Quando se aprofunda o âmbito da peregrinação, Alves (2025) trata do vínculo da peregrinação turística com a espiritualidade,

a cultura e o lazer, oferecendo uma experiência cultural única e benefícios à saúde mental e física do indivíduo — a exemplo do Caminho de Santiago e do Caminho da Fé.

Ao se analisar os diferentes tipos de peregrinação, uma vertente muito presente no Brasil são as romarias, que emergiram a partir das prerrogativas apregoadas pelo catolicismo português, motivadas pelas crenças religiosas populares (Silva et al., 2024). Essas são desenvolvidas como uma atividade coletiva, movida por uma característica comum entre os indivíduos: a experiência de fé e o encontro com Deus (Schvarstzhaupt et al., 2021).

No Brasil, as romarias ocorrem em diferentes localidades, principalmente quando se trata de peregrinações para chegar até os santuários, que passam a figurar também como pontos turísticos religiosos. Dentro dessa sistemática, apresentam-se diferentes rotas em localidades distintas ao longo do país.

Em particular, no estado de São Paulo, um dos trajetos mais frequentados é o Caminho da Fé, que tem como destino o Santuário de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida do Norte (SP). Esse trajeto pode ser feito de diferentes formas, sendo elas, de acordo com Viestel (2021), a pé, por motocicletas, cavalos, bicicletas, entre outros meios de locomoção.

Esse trajeto possui, em média, 300 km de extensão, partindo do ramal de Águas da Prata, cuja origem é no município de Águas da Prata-SP. Estima-se um fluxo de aproximadamente 5.000 peregrinos que percorrem o caminho de bicicleta por ano. O percurso passa pelas cidades de Águas da Prata-SP; no estado de Minas Gerais, atravessa Andradas, Ibitiúra de Minas, Crisólia, Ouro Fino, Inconfidentes, Borda da Mata, Tocos do Moji, Estiva, Consolação, Paraisópolis e Luminosa; retornando ao estado de São Paulo por Campos do Jordão, Gomerl, Guaratinguetá, Potim, até chegar à cidade de Aparecida-SP, onde se localiza o Santuário Nacional.

Ademais, existem outros percursos disponíveis para o romeiro executar ao longo do país, como a Rota das Capelas em Monte Alto (SP), que contempla 13 capelas, e a Rota das Capelas em Marília (SP), na qual o trajeto inclui 6 capelas e 1 mosteiro, onde o percurso é finalizado.

Cicloturismo

O uso da bicicleta como meio de transporte é difundido no mundo todo, tendo seu auge no século XXI, sendo um dos principais meios de locomoção presentes na sociedade e utilizado

com diferentes motivações e para diversos destinos. Sartori (2021) aponta os benefícios do uso da bicicleta, como a aproximação com a natureza, o exercício físico e a sustentabilidade, os quais motivam o cicloturista a conhecer os atrativos turísticos, entre outras possibilidades.

Ao analisar o ciclismo como esporte, é necessário destacar suas diferentes modalidades e características únicas, como: BMX, BMX Freestyle, Mountain Bike, Ciclismo de Estrada, Ciclismo de Pista, dentre outras. Ademais, existe o ciclismo voltado para o lazer, no qual se enquadra o uso da bicicleta sem caráter competitivo, sendo este o conceito que fundamenta o cicloturismo.

Considerando o uso da bicicleta no contexto turístico, as motivações para percorrer o Caminho da Fé não se limitam aos fins religiosos. Há um movimento crescente de uso desse trajeto como prática de atividade física e de cicloturismo (Viestel, 2021).

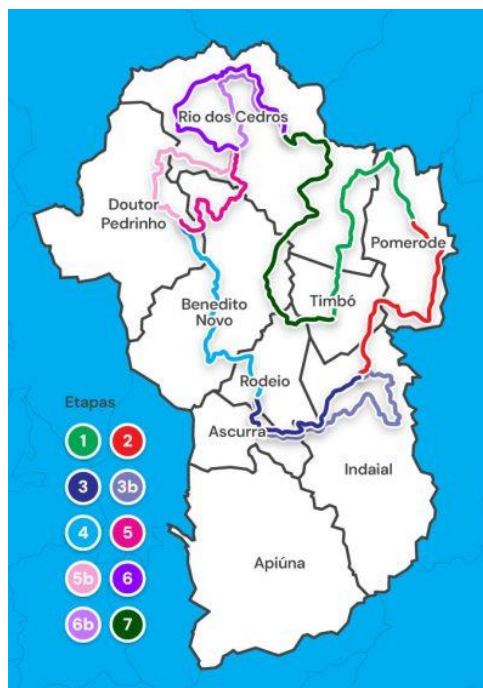
Para ampliar o entendimento, faz-se necessário definir o cicloturismo como a atividade de percorrer grandes distâncias de bicicleta. Segundo Olinto (2024), “a característica primordial do cicloturismo é a mudança da concepção do exercício físico, ou seja, o cicloturista não está procurando recordes ou grandes velocidades, ele está procurando desafio, recreação e conhecimento”. No que se refere à localidade de interesse deste estudo, Viestel (2021) acrescenta que o Caminho da Fé é a terceira rota de cicloturismo mais frequentada do país, ficando atrás apenas do Vale Europeu e da Estrada Real.

Diante do contexto do cicloturismo, é válido analisar o cenário das rotas disponíveis. Entre os principais trajetos no Brasil destaca-se:

Vale Europeu

O Vale Europeu Catarinense é o primeiro circuito organizado e planejado para o cicloturismo no Brasil. Localizado no Médio Vale do Itajaí, o roteiro contempla 12 cidades. O percurso totaliza 300 km e é realizado em sete dias, passando por estradas rurais e de terra (Vale Europeu Catarinense, 2024). Apresenta diferentes níveis de dificuldade — de 1 a 5 — e pode ser estendido até 330 km. O circuito é relevante por ser elaborado no modelo autoguiado, ou seja, sem o suporte de guias, permitindo ao ciclista realizar o trajeto de forma autônoma (Bussarelo et al., 2023). Também existe a possibilidade de percurso guiado, que oferece maior facilidade por meio do acompanhamento de operadoras locais (Bussarelo et al., 2023).

Figura 1: Vale Europeu



Fonte: Up Guide, 2024

Ademais, o cicloturismo possui diferentes finalidades e motivações. Entre elas, destacam-se o lazer e relaxamento, nos quais o indivíduo aproveita o tempo livre de forma consciente e lenta, afastando-se da rotina e do estresse. Outro fator é a sustentabilidade e o ecoturismo, que se associam à apreciação das paisagens e ao uso consciente dos bens naturais, promovendo a conscientização ambiental e a redução da pegada de carbono. Soma-se a isso a cultura e o conhecimento, uma vez que o cicloturismo possibilita o contato com novas culturas, tradições e locais históricos. Por fim, há a vertente de aventuras e desafios, relacionada à superação de longas distâncias e das dificuldades físicas e psicológicas do percurso.

O cicloturismo no Caminho da Fé é hoje a terceira rota mais procurada do Brasil, atrás apenas do Circuito Vale Europeu (em infraestrutura) e da Estrada Real (em extensão). A procura pela rota está relacionada tanto à fé quanto à busca por viagens de bicicleta (Viestel, 2024).

Por fim, ao abordar os diferentes cenários do cicloturismo, o trabalho foca na vertente do cicloturismo religioso, sendo importante destacar as principais rotas do mundo, entre as quais o Caminho da Fé é uma das mais relevantes.

Santiago de Compostela

No século IX, foi descoberto o local do túmulo de São Tiago. O bispo local confirmou a veracidade do achado, encontrando a tumba de São Tiago e seus discípulos. A notícia chegou ao rei Afonso II das Astúrias, que, ao confirmar a autenticidade, tornou-se o primeiro peregrino de Compostela e ordenou a construção do monumento que seria a Catedral de Santiago de Compostela. Após esse período, a peregrinação se popularizou, atraindo turistas de todo o mundo (Fuentes, 2023). Hoje, a UNESCO reconhece cinco rotas como Patrimônio Mundial, incluindo o Camino del Norte (com quatro rotas: Camino Costero, Camino Lebaniego, Camino Interior-Vasco e Camino Primitivo, a rota original de Afonso II) e o Camino Francés, o primeiro caminho reconhecido em 1993 e o mais utilizado atualmente.

O mapa ilustra as rotas do Caminho de Santiago de Compostela através da França, Espanha e Portugal. As rotas são coloridas e numeradas para facilitar a identificação:

- Caminho Francês (tradicional):** Representado por uma linha laranja, percorre a rota clássica através da França e Espanha.
- Caminho Fisteria:** Representado por uma linha verde, segue a costa atlântica de Portugal e Espanha.
- Caminho Podiense:** Representado por uma linha amarela, percorre o interior de Portugal e Espanha.
- Caminho Aragonês:** Representado por uma linha roxa, percorre o norte da Espanha.
- Caminho de la Plata:** Representado por uma linha azul, percorre o norte da Espanha.
- Caminho Primitivo:** Representado por uma linha vermelha, percorre o norte da Espanha.
- Caminho do Norte:** Representado por uma linha verde, percorre o norte da Espanha.
- Caminho Português (Porto):** Representado por uma linha roxa, percorre a rota moderna através de Portugal e Espanha.
- Caminho Português (Lisboa):** Representado por uma linha verde, percorre a rota moderna através de Portugal e Espanha.

O mapa também mostra as principais cidades e regiões envolvidas, incluindo a França, Espanha e Portugal, e o Oceano Atlântico.

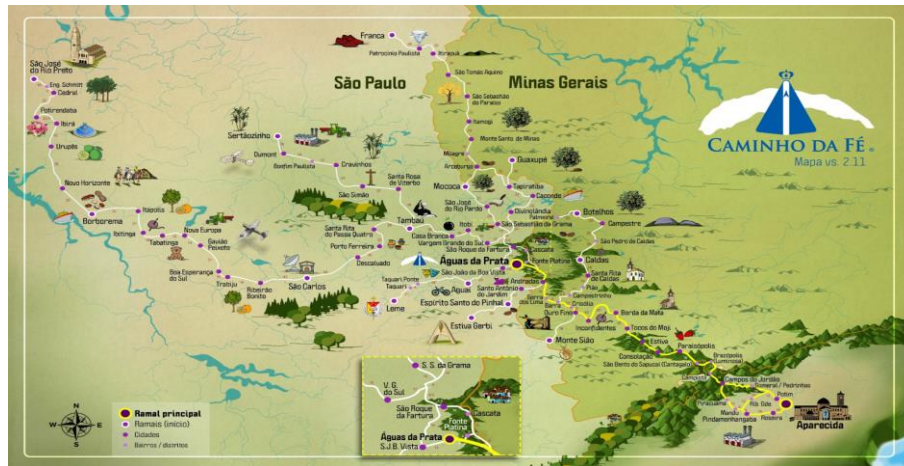
Ao se analisar a influência do Caminho de Santiago de Compostela no Brasil, tanto no quesito religioso, quanto na forma de percorrer a rota, se dá origem ao Caminho da Fé, ele se

localiza com destino a cidade de Aparecida, no interior do estado de São Paulo, é conhecida nacionalmente pela sua prática do turismo religioso, seu principal atrativo turístico decorre do descobrimento da imagem de Nossa Senhora Aparecida, no Rio Paraíba do Sul, no ano de 1717, além disso, a junção de fatores com o culto que foi desenvolvido e as dinâmicas socioeconômicas na região onde se localiza o Santuário e de suas relações sociais de diversos agentes transformaram aquele local (Barbosa, 2021).

Ao decorrer dos anos foram criados trajetos com as estruturas que frisavam a peregrinação ao Santuário Nacional de Aparecida, oferecendo ao longo do caminho pontos de apoio ao turista religioso. A ideia da criação da rota se deu início por um dos organizadores ter percorrido o Caminho de Santiago e desenhar criar um semelhante no Brasil, a partir desse ponto foi criado um grupo com Almiro Grings, Clóvis Tavares e Iracema Tamashiro e Aparecida de Lourdes Dezena Cabrelon deram início aos contatos com as prefeituras e paróquias das cidades para assim estruturar a rota. O ramal principal do Caminho da Fé tem início em Águas da Prata/SP, atravessa o Sul de Minas Gerais e termina em Aparecida/SP, junto à Basílica de Nossa Senhora Aparecida. Trata-se de um caminho com mais de 300 km de extensão, percorrido majoritariamente em terreno desnivelado e com altitude média de 1.000m.(Viestel et.al, 2021). O Caminho da Fé foi inaugurado em 11/02/2003 na cidade de Águas da Prata/SP, de acordo com o site oficial do Caminho da Fé, o caminho apresenta diferentes quilometragens sendo em média 1500 km de extensão, sendo eles 300 km atravessando a Serra da Mantiqueira.

Ao longo do caminho existem diversos ramais, como são chamados pelos peregrinos, na qual são sub rotas que destrincham onde o indivíduo pode iniciar o trajeto, sendo possível encontrar 18 ramais, sendo a rota principal a tem início em Águas da Prata/SP, na qual é a rota de foco dessa pesquisa, em média a rota passa por 22 cidades principais até chegar ao Santuário de Aparecida.

Figura 3: Caminho da Fé



Fonte: Associação dos Amigos do Caminho da Fé, 2017

Ao decorrer do trajeto em direção ao Santuário, existem diversos desafios sendo as longas distâncias, as subidas, as montanhas, as regiões mais lembradas foram aquelas que apresentam os maiores graus de dificuldade e técnica de subida e descida, como o Pico do Gavião, em Águas da Prata/SP; a Serra dos Lima, em Crisólia/MG; a Porteira do Céu e a descida do Pantano dos Teodoro, ambas em Borda da Mata/MG; e a Serra da Luminosa, na fronteira entre os estados de Minas Gerais e São Paulo. (Viestel et.al, 2021).

Outro ponto é a sinalização presente, na qual o peregrino encontra pelo caminho diversas sinalizações colocadas a cada 2 km na rota e indicando a distância até o destino. Ademais é deixado em evidenciado e de forma detalhada dentro do site Caminho da Fé (2025) o auxílio ao romeiro, na qual sugere o tipo de bicicleta para facilitar o trajeto que segundo o site seria “Mountain bike com no mínimo 21 marchas, com bons freios e transmissão revisada”. Ademais sugere vestimentas adequadas para facilitar o carregamento das bagagens durante o trajeto.

No quesito de gestão e segurança o site Caminho da Fé (2025) auxilia o peregrino disponibilizando operadores credenciados que auxiliam durante todo o percurso, para que dessa forma melhore a organização das viagens dos romeiros

O caminho da Fé gera diferentes conexões entre o peregrino e a rota onde cada cicloturista cria vínculos de afeto com o Caminho da Fé, podendo ser uma capela, um casarão ou uma plantação de café, e transforma o espaço chamado Caminho em um lugar com características próprias, em que se estabelecem relações de aguçamento dos sentidos (Viestel,

2024). Os cheiros presentes no caminho permitem transmitir diferentes sensações que, ao decorrer da rota, transmite uma sensação de pertencimento àquele local. Além disso, a geografia auxilia a rota onde as montanhas são locais de diferentes afazeres para os cicloturistas, sendo associados como lugares para orar, contemplar, passear em silêncio ou ficar cego em meio a neblina (Viestel, 2024). Por fim um dos fatores bem presentes ao decorrer do Caminho da Fé é o silêncio, onde os cicloturistas é o local de autoconhecimento, independente da religião de cada indivíduo, para outros é uma forma de agradecer a “Deus” e de adquirir a paz interior e o conhecimento individual em absoluto silêncio (Viestel, 2024).

Metodologia

Este trabalho consiste em uma pesquisa de caráter exploratório, com abordagem qualitativa e quantitativa. Segundo Lösch, Rambo e Ferreira (2023), a pesquisa exploratória na abordagem qualitativa busca compreender o fenômeno em seu contexto real, tal como ocorre. Nas Ciências Humanas e Sociais, esse tipo de investigação permite uma compreensão mais aprofundada do comportamento humano e das dinâmicas sociais, possibilitando ao pesquisador analisar os dados qualitativos de forma sistêmica e interpretativa. No âmbito desta pesquisa, tal abordagem é empregada para a análise das respostas descritivas dos questionários aplicados a peregrinos e prestadores de serviços ao longo da rota, bem como dos registros fotográficos obtidos.

Paralelamente, utiliza-se a abordagem quantitativa, que se caracteriza pela análise numérica dos dados, permitindo a obtenção de medidas objetivas e relações estatísticas entre variáveis. Conforme Wolffenbüttel (2023), a pesquisa quantitativa aplica técnicas estatísticas para a mensuração e projeção dos dados. Neste estudo, a abordagem quantitativa é empregada na análise dos questionários, com o intuito de produzir inferências e comparações a partir dos dados obtidos.

Dada a extensão do Caminho da Fé, delimitou-se o estudo ao trecho compreendido entre as cidades de Águas da Prata (SP) e Aparecida (SP), com aproximadamente 300 km de percurso. A construção de indicadores específicos permitiu a formulação de um formulário de entrevistas, estruturado para incorporar esses indicadores, viabilizando a organização de perguntas qualitativas com tratamento quantitativo.

Além disso, adotou-se a técnica de amostragem por conglomerados, a qual, segundo Szwarcwald (2023), possibilita inferências sobre a população a partir do estudo de grupos representativos, sem a necessidade de contemplar todos os seus membros. No presente estudo, a amostra é composta por peregrinos que percorrem o Caminho da Fé de bicicleta (iniciando em Águas da Prata-SP) e por prestadores de serviços distribuídos ao longo da rota.

A coleta de dados fundamentou-se em base teórica e na aplicação de questionários voltados a esses dois grupos, com foco na identificação de trechos com maior dificuldade de percurso e menor infraestrutura. O objetivo principal dos questionários é possibilitar uma análise dos pontos críticos do trajeto, tanto do ponto de vista dos cicloturistas quanto dos empreendimentos envolvidos na prestação de serviços. Como recurso complementar, foram realizados registros fotográficos ao longo da rota, com o objetivo de ilustrar de forma visual e contextual os locais de aplicação dos indicadores e as dificuldades enfrentadas.

A análise e o tratamento dos dados seguiram duas abordagens. No aspecto qualitativo, procedeu-se à interpretação dos trechos discursivos dos questionários, identificando elementos recorrentes entre os relatos dos cicloturistas e dos prestadores de serviços. Também foram analisados os registros fotográficos, os quais, segundo Alves et al. (2021), contribuem para uma maior reflexão e expressão de significados subjetivos, além de fortalecer o engajamento dos participantes. No aspecto quantitativo, os dados dos questionários foram processados por meio de Análise Fatorial Exploratória, a fim de reduzir as variáveis a um conjunto de fatores explicativos do comportamento de consumo, conforme Violin (2022). Também foram utilizadas medidas estatísticas descritivas como média, moda e mediana, para apoiar a construção de tabelas e a análise comparativa dos dados.

ANÁLISE DE DADOS

O público-alvo de ciclistas respondentes foi composto por 73,2% de homens (13) e 27,8% de mulheres (5), com média de idade composta por indivíduos que possuem entre 40 a 50 anos.

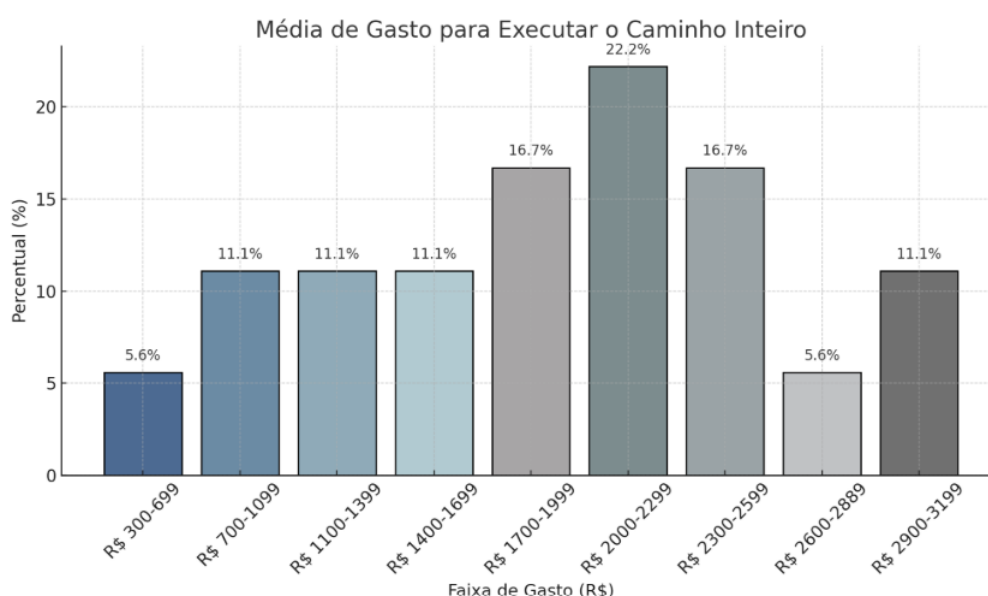
Ademais é relevante ressaltar a principal motivação desses peregrinos para percorrer o percurso, sendo a maioria deles com a intenção do autoconhecimento, a religião e devoção a Nossa Senhora Aparecida e para superação dos desafios pessoais, como pode ser observado a partir de uma fala sobre a motivação de um entrevistado:

“Peregrinar com intuito de uma experiência de fé, reflexão e autoconhecimento. Em segundo plano, buscar superação física.” (peregrino, 2025)

Como consequência das justificativas dos peregrinos é importante ressaltar como essas pessoas retornam para refazer a rota inúmeras vezes, sendo que 38,9% dos peregrinos percorreram a rota mais de 4 vezes.

O caminho é utilizado tanto por homens quanto por mulheres, dentro desses dados é de extrema importância relevar o uso de carros de apoio para que percorra o trajeto, trazendo uma maior segurança aos grupos criados para a peregrinação, como pode ser observado a partir dos dados, na qual cerca de 88,9% (16) utilizaram o carro de apoio. Na sequência, apresenta-se a média de gastos dos peregrinos:

Gráfico 1: Média de gasto



Fonte: autores

Em termos de gastos, o gráfico mostra um conjunto variado de faixas de consumo, isso indica que a estrutura para atender esse tipo de público vai desde estabelecimentos mais refinados em termos de produtos e serviços indo até estabelecimentos mais simples, o que pode ser corroborado através dos dados advindos dos peregrinos participantes da pesquisa.

Estes indicaram que 22,2% (4) gastam em média entre R\$ 2000 a R\$ 2099 além disso, alguns indicam que percorrer o trajeto em grupo pode afetar ao valor gasto diário em meios de hospedagem como pode ser reforçado pela fala de um entrevistado:

“Sim! Nem todos dos grupos têm o propósito unicamente da peregrinação e, por vezes, quando o cansaço permite, gostam de frequentar lugares diversos. Isso acontece muito quando há pernoite em Campos do Jordão.” (peregrino 2, 2025)

Chama-se atenção para o infográfico:

Figura 4: Avaliação da estrutura do caminho



Fonte: autores

A avaliação das estruturas disponíveis ao longo do Caminho da Fé evidencia aspectos importantes sobre as condições de realização do percurso por ciclistas peregrinos. Entre eles as condições de iluminação, com avaliações de nota 4 para 33% e nota 5 na mesma porcentagem. Em uma escala de 0 a 5, demonstrando nível satisfatório de aprovação.

Quanto aos pontos de hospedagem, a avaliação é ainda mais expressiva: 44,4% atribuíram nota 5, indicando alto grau de satisfação com os meios de hospedagem ao longo do percurso.

Em relação à infraestrutura geral da rota, os prestadores de serviços entrevistados também apresentaram uma percepção positiva, com 75% conferindo a nota máxima. Já entre os peregrinos, 55,6% atribuíram nota 4, o que reforça uma avaliação favorável da estrutura.

Entretanto, é importante destacar os gargalos estruturais identificados ao longo do trajeto. Mesmo com avaliações positivas em diversos pontos, algumas regiões foram apontadas como carentes de qualquer tipo de apoio, especialmente a Serra da Luminosa, situada na Serra da Mantiqueira, e o Morro do Sabão, localizado entre os municípios de Andradas e Ouro Fino. Esses locais foram frequentemente mencionados como trechos de difícil travessia. Dentre os peregrinos, parte substancial relataram dificuldade significativa na conclusão do percurso da Serra da Luminosa, sendo esse cenário reforçado pelos registros fotográficos anexados à pesquisa, os quais evidenciam a precariedade e os desafios enfrentados nessas áreas específicas.

Figura 5: Trecho da Serra da Luminosa

Foto 1: Serra da Luminosa



Fonte: Caminho da Fé, 2022



Fonte: Pacer Walking App, 2025

Ao se analisar as imagens a respeito da Serra da Luminosa, contendo 14 km de extensão, através dos apontamentos feitos pelos peregrinos, fica evidente a dificuldade geográfica presente nesse trecho em conjunto com a falta de estruturas de apoio e manutenção nesse trecho do caminho.

Foto 2: Morro do Sabão



Fonte: Ribeiro, 2024

Ademais ao se ilustrar tais afirmações feitas pela análise dos dados sobre o Morro do Sabão, se encaixa na mesma categorização de problema presente na Serra da Luminosa, na qual outro trecho do caminho apresenta grandes dificuldades físicas e estruturais, sem possuir nenhum tipo de apoio ao peregrino.

Diante das análises acima, um dos questionamentos presentes no formulário diz caso houvesse a necessidade de troca de equipamento para completar o caminho qual seria a opção mais viável que utilizariam. Ao se analisar as questões a respeito da falta de estrutura, apoio e por questões geográficas, se optou pela troca por equipamentos de trilha para realizar o caminho a pé, sendo cerca de 72,2% (13) dos peregrinos. Sendo esse, um método que facilitaria a conclusão do trajeto e em situações específicas adiantaria o tempo gasto em certos trechos presentes na rota, como o caso da Serra da Luminosa e do Morro do Sabão, em que os peregrinos apresentam maior dificuldade física.

Ao se analisar essa perspectiva da rota foi questionado aos peregrinos caso houvesse a necessidade de troca de equipamento para completar o caminho qual seria a opção mais viável que utilizariam. Diante desse questionamento 72,2% (13) optaram pela troca por equipamentos de trilha para realizar o caminho a pé.

Por fim, como apontamento final de análise, se fez necessário o questionamento aos prestadores de serviço a respeito se possui algum auxílio de alguma instituição ou órgão público em seu ramal e 100% (4), responderam que não possuem nenhum tipo de auxílio e ainda apontam problemas presentes em seu ramal, como uma forma de melhoria, sendo essas

estruturas indicadas, consideradas básicas, como a falta de um prestador de serviço deixa isso evidente:

“Bancos, banheiro e Água potável” (prestador de serviço, 2025)

A análise converge para um perfil de peregrinos maduros e motivados por uma combinação de fé, autoconhecimento e desafio físico, que retornam repetidamente ao Caminho da Fé. A elevada proporção de homens (73%) e a faixa etária concentrada entre 40 e 50 anos sugerem um público com tempo e recursos para a prática, reforçado pela média de gastos entre R\$ 2.000,00 e R\$ 2.099,00. A quase totalidade (89%) recorre ao carro de apoio, confirmando a importância de suporte logístico para segurança e bem-estar ao longo do trajeto.

As avaliações gerais da infraestrutura — iluminação, hospedagem e serviços locais — situam-se entre boas e excelentes, corroborando a atração contínua pelo ramal de Águas da Prata. No entanto, pontos críticos como Serra da Luminosa e Morro do Sabão expõem lacunas estruturais que desafiam a experiência e geram risco, levando 72% a considerar a opção de prosseguir a pé em trilhas mais difíceis.

A total ausência de apoio institucional aos prestadores de serviço revela uma oportunidade clara de intervenção pública. A instalação de bancos, sanitários e bebedouros nesses trechos críticos não somente elevaria o conforto e a segurança dos peregrinos, mas também valorizaria economicamente as comunidades locais.

Em síntese, embora a rota conte com boa aceitação e fornecedores bem avaliados, o caminho mantém pontos vulneráveis que exigem ações pontuais e de baixo custo para tornar a experiência mais acessível e sustentável, corroborando a necessidade de parcerias entre poder público, iniciativa privada e a comunidade de ciclistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revelou que o Caminho da Fé, especialmente no trecho entre Águas da Prata (SP) e Aparecida (SP), se configura como uma das principais rotas de cicloturismo religioso no Brasil, sendo constituído por aspectos simbólicos, culturais, físicos e espirituais. O turismo religioso vai além do deslocamento motivado pela fé, sendo também uma forma de vivência do patrimônio, da cultura e da busca por autoconhecimento, características que se refletem amplamente nos relatos dos peregrinos que participaram deste estudo.

O perfil dos ciclistas revelou predominância masculina, com motivações centradas na fé, superação pessoal e na vivência da espiritualidade por meio do contato com a natureza e uso frequente de carro de apoio como forma de suporte a segurança e viabilidade da rota.

Embora as avaliações gerais sobre a estrutura do percurso — como hospedagem, iluminação e serviços locais — sejam positivas, há pontos que exigem atenção. Trechos como a Serra da Luminosa e o Morro do Sabão foram amplamente apontados pelos peregrinos como áreas de maior dificuldade técnica e falta de apoio, fato que também foi reforçado por registros fotográficos e pelas falas dos participantes. Isso confirma o que a falta de infraestrutura em determinados trechos pode comprometer a experiência e até a continuidade do percurso, levando muitos a optarem pela mudança para a caminhada com equipamentos de trilha.

Outro ponto crítico identificado é a ausência de apoio por parte das instituições públicas aos prestadores de serviços ao longo da rota. Todos os prestadores de serviço relataram não receber qualquer tipo de auxílio, sugerindo uma lacuna importante que compromete tanto a sustentabilidade da rota quanto o desenvolvimento regional (Barbosa, 2021). A oferta de estruturas mínimas — como bancos, banheiros e pontos de água potável — foi amplamente defendida pelos prestadores, o que destaca a urgência de investimentos nesses locais.

Conclui-se que o Caminho da Fé representa um espaço consolidado de cicloturismo religioso no país, atraindo um público fiel, motivado pela fé, pelo desafio e pela introspecção. Contudo, persistem fragilidades relacionadas à infraestrutura, que demandam ações conjuntas entre o poder público, a sociedade e os empreendedores locais, o que leva a sugestão de ampliação de entendimento do tema, abordando por exemplo, indicadores de melhoria tanto de políticas públicas quanto de investimentos privados na rota.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Juliano Magno. *Rotas de peregrinação: impactos no turismo religioso, recreativo e no desenvolvimento local*. Revista Aracê, São José dos Pinhais, v. 7, n. 1, p. 1881–1898, 13 jan. 2025.
- ALVES, Kisna Yasmin Andrade; RODRIGUES, Cláudia Cristiane Filgueira Martins; SALVADOR, Pétala Tuani Candido de Oliveira; FERNANDES, Sheila Duarte de Mendonça. *Uso da fotografia nas pesquisas qualitativas da área da saúde: revisão de escopo*. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 521–529, 2021.

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO CAMINHO DA FÉ. *Caminho da Fé*. Associação dos Amigos do Caminho da Fé, 2017. Disponível em: <https://caminhodafe.com.br/ptbr/>. Acesso em: 22 abr. 2025.

BARBOSA, Ivo Francisco. *Hierópolis de Aparecida-SP: lugar de fé, turismo religioso e espaço político do Brasil*. 2021. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

BARTOLETTI, Carolina Teixeira; LINDENKAMP, Teresa Cristina Magro. *Gestão participativa como proposta para aproximar os visitantes do cuidado das áreas naturais: o manejo de uma trilha de ciclismo de montanha*. Revista Brasileira de Desenvolvimento Territorial Sustentável, v. 7, n. 1, jan./jun. 2021.

BUSARELLO, Mônica Tatiana Bunese; REIS, Clóvis. *Circuito de cicloturismo e transformações territoriais no Médio Vale do Itajaí/SC (2006/2018)*. Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento, Curitiba, v. 12, n. 1, p. 106–121, jan./abr. 2023.

CAMINHODAFE.BLOG. *A maravilhosa Serra da Luminosa*. Serra da Luminosa, 15 out. 2022. Instagram: @caminhodafeblog. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CjwFsSerRn/>. Acesso em: 01 maio 2025.

CHOE, Jaeyeon. *Religious tourism*. Tourism Geographies: An International Journal of Tourism Space, Place and Environment, [S. l.], 12 nov. 2024.

D’ANTONIO, Giulia Costa de Queiroz; DOMINGOS, Fabiane de Oliveira. *Turismo religioso em Lunardelli, no Vale do Ivaí: uma análise socioeconômica e da pandemia por Covid-19*. Revista de Turismo Contemporâneo, Natal, v. 10, n. 1, p. 76–93, jan./abr. 2022. 17 nov. 2021.

ENOQUE, Alessandro Gomes; ALMEIDA, Lorrana Laila Silva de. *Análise da peregrinação nas festividades do Divino Pai Eterno em Trindade/GO*. Turismo: Visão e Ação, Itajaí, v. 23, n. 3, p. 476–495, set.–dez. 2021.

FUENTES, Esther. *Caminho de Santiago: história e curiosidades*. Cultura Espanhola, 5 jul. 2023. Disponível em: <https://culturaespanhola.com.br/blog/caminho-de-santiago-historia-e-curiosidades/>. Acesso em: 22 abr. 2025.

KOSONISCS, Rafael. *Caminho de Santiago de Compostela: distâncias e rotas*. Seu Mochilão, 2019. Disponível em: <https://www.seumochilao.com.br/caminho-de-santiago-de-compostela-distancias-e-rotas/>. Acesso em: 22 abr. 2025.

LAMONT, Matthew James. *Reinventing the wheel: a definitional discussion of bicycle tourism*. 2009. Trabalho acadêmico (Relatório de pesquisa) – School of Tourism and Hospitality Management, Southern Cross University.

LÖSCH, S.; RAMBO, C. A.; FERREIRA, J. de L. *A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação*. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 18, n. 00, e023141, 2023.

OLINTO, Rafael; RAFAELA. *Conceito de cicloturismo*. Disponível em: <<https://www.olinto.com.br/dicas-cicloturismo/conceito-cicloturismo/#:~:text=Cicloturismo%2C%20nada%20mais%20%C3%A9%20que,%C3%A9%20a%20carga%20na%20bicicleta>>. Acesso em: 14 nov. 2024, às 15:32.

REIS, Jarlene Rodrigues. “E o tempo faz estradas para se chegar ao fim...”. Aula 2. In: E-TEC BRASIL. *Teoria Geral do Turismo*. Brasília: Ministério da Educação, 2016.

RIBEIRO, Cristiane Menezes. *Turismo religioso: fé, consumo e mercado*. E-Revista Facitec, v. 5, n. 1, art. 6, ago./dez. 2010.

RIBEIRO, Vivaldo. [Publicação sem descrição]. 6 jun. 2024. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3073544486115473&set=pcb.10161464722346182>. Acesso em: 01 maio 2025.

RIBEIRO, Vivaldo. *Morro do Sabão*. 7 jun. 2024. Facebook: Caminho da Fé (grupo). Disponível em: https://www.facebook.com/groups/caminho.da.fe/posts/10161464722346182/?_rdr. Acesso em: 01 maio 2025.

SALDANHA, Luiz Emerson da Cruz. *Análise dos padrões de governança de rotas de cicloturismo no Brasil*. 2022. Tese (Doutorado em Engenharia de Transportes) – Programa de Pós-graduação em Engenharia de Transportes, COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SARTORI, Anderson. *A governança do turismo religioso na pandemia da Covid-19: o estudo de caso de Nova Trento/SC – Brasil*. Revista de Turismo Contemporâneo, Natal, v. 10, n. 1, p. 117–139, jan./abr. 2022. 18 nov. 2021.

SARTORI, Anderson. *Perfil do ciclista e cicloturista em Santa Catarina (Brasil): aspectos socioeconômicos e suas motivações para o uso da bicicleta*. Revista Em Análise, v. 32, n. 1, p. 40–58, jan./abr. 2021.

SCHVARSTZHAUPT, Rosalina Cassol; HERÉDIA, Vânia Merlotti. *Santuário Nossa Senhora de Caravaggio [Brasil]: história e devoção*. Rosa dos Ventos: Turismo e Hospitalidade, v. 13, n. 2, 2021.

SILVA, Avacir Gomes dos Santos; ALEXANDRE, Fernanda. *Romaria da Bíblia: narrativas de lutas, sonhos e religiosidades*. Ateliê Geográfico, Goiânia-GO, v. 18, n. 2, p. 275–300, ago. 2024.

SZWARCWALD, Célia Landmann. *Inquéritos nacionais de saúde: visão geral sobre técnicas de amostragem e dados coletados por desenhos complexos*. Epidemiologia e Serviços de Saúde, Brasília, v. 32, n. 3, e2023431, 2023.

TOIGO, Gustavo Luis; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. *Turismo religioso e lugares de memória*. Revista Turismo & Cidades, São Luís, v. 3, n. 8, p. 48–71, jul./dez. 2021.

UP GUIDE. *Cicloturismo*. Up Guide, 2024. Disponível em: <https://www.upguide.com.br/cicloturismo/>. Acesso em: 22 abr. 2025.

VALDEMIR. *Luminosa a Campos do Jordão*. Pacer Walking App, 2025. Disponível em: <https://www.mypacer.com/pt/routes/61315/luminosa-a-campos-do-jord%C3%A3o-caminhe-trilha-braz%C3%B3polis-minas-gerais-brasil>. Acesso em: 01 maio 2025.

VALE EUROPEU CATARINENSE. *Circuito de Cicloturismo*. Disponível em: <https://valeeuropeucatarinense.com.br/circuito-cicloturismo/>. Acesso em: 22 abr. 2025.

VIESTEL, Roberto Marin. *Caminho da Fé: entre cicloturistas, montanhas e paisagens*. Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer – UFMG, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, 02 maio 2024.

VIESTEL, Roberto Marin; ROSA, Maria Cristina. *As montanhas no cicloturismo no Caminho da Fé*. Anais, p. 384–386. [S.l.], [s.n.], 2021.

VIOLIN, Fábio Luciano. *Turismo como criador de mercado para o artesanato em Mato Grosso do Sul*. Interações: Revista Internacional de Desenvolvimento Local, Campo Grande, MS, v. 23, n. 2, p. 575–594, abr./jun. 2022.

WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. *Pesquisa qualitativa e quantitativa: compreendendo as abordagens e construindo possíveis combinações*. In: Conhecimento e divulgação científica: investigação e transformação para a popularização da ciência, v. 1, p. 39–53, 2023.